



Sociologia e Filme

Elementos da sociedade Hiper-Real em “Her”

Elements of the Hyper-Real society in “Her”

Alana Destri

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara.

E-mail: alanadestri@outlook.com

Resumo

A sociedade pós-moderna, envolta pela revolução cibernética e midiática, tem presenciado um novo patamar de estruturas sígnicas. Vive-se hoje entre simulacros e simulações, signos que perderam o laço com o real e tomaram seu lugar. O filme Her (2013), de Spike Jonze, retrata esta nova realidade a partir de um enredo de ficção científica que antevê um futuro em que é possível se relacionar romanticamente com sistemas operacionais. À luz de escritos de Baudrillard, este estudo científico buscou analisar a relação dos personagens do citado filme com o mundo hiper-real em que vivem. Observou-se que, por mais que o filme se passe em um futuro não datado, ele é um ótimo instrumento para compreender o agora.

Palavras-chaves: Simulacro. Simulação. Sociedade. Her.

Abstract

The postmodern Society, involved in a cybernetic and media revolution, has witnessed a new level of sign structures. Today, we live among simulacra and simulations, signs that have lost the tie with the real and have taken its place. The film Her (2013), by Spike Jonze, portrays this new reality from a science fiction plot that foresees a future in which it is possible to be romantically related to operating systems. Based in Baudrillard's writings, this scientific study aimed to analyze the relationship of the film characters with the hyper-real world in which they live. It has been observed that it is a great tool for understanding the now, even it talks about an undated future.

Keywords: Simulacrum. Simulation. Society. Her.

Introdução

Her é um longa-metragem de ficção científica escrito e dirigido por Spike Jonze. Lançado em 2013, trata do desdobramento de uma sociedade futurista frente a uma nova era de relacionamento pessoais. *Her* é uma trama futurista – mas nem tanto. O mundo de simulações e simulacros que o filme apresenta pode muito bem ser observado nos dias de hoje, mesmo sem seus admiráveis sistemas de inteligência artificial.

O filme foca principalmente no relacionamento de Theodore Twombly (Joaquin Phoenix), um homem solitário ainda no processo de aceitação de um divórcio, e Samantha (Scarlett Johansson), um sistema de inteligência artificial recém-lançado. O presente ensaio visa identificar e analisar aspectos da sociedade do filme pelas lentes de Jean Baudrillard e os conceitos apresentados em seu livro *Simulacros e Simulação* (1991). A aplicação da teoria se mostra valorosa ao ajudar a compreender porque e como algo artificial acaba por tomar o lugar de algo real a ponto de ser mais satisfatório – momentaneamente ou não – do que o original.

Para tanto, os eventos da peça cinematográfica e os conceitos de Baudrillard serão apresentados de modo alternado, como argumentação para, por fim, alcançar o objetivo do ensaio. A seguir elucida-se alguns conceitos-chave para a compreensão das análises.

Simulacro e simulação

Baudrillard teoriza que a sociedade substituiu a realidade por símbolos e signos e que a experiência humana é simulação da realidade. Liquidam-se os referenciais no mundo e estes são substituídos por novos signos do real. O mundo pós-moderno, portanto, é regido pela reprodução, ou seja, pela simulação em que há ainda a diferença entre imagem e realidade. Já no simulacro, a realidade e fantasia se confundem, não podendo mais serem distinguidas como uma ou outra.

Vivemos em um mundo hiper-real, um mundo de simulacros. Em uma entrevista para a *Revista Época*, em 2013, Baudrillard comenta um pouco mais sobre sua visão da atualidade:

[o]s signos evoluíram, tomaram conta do mundo e hoje o dominam. Os sistemas de signos operam no lugar dos objetos e progridem

exponencialmente em representações cada vez mais complexas [...]. Os signos estão criando novas estruturas diferenciais que ultrapassam qualquer conhecimento atual. *Ainda não sabemos onde isso vai dar* (BAUDRILLARD, 2003, s/p, grifo nosso).

O que o cineasta Spike Jonze fez foi, de certa forma, imaginar *onde daria* essa sociedade tomada pelos signos. Como produto surge o filme *Her*, o qual explora e interpreta a realidade de Baudrillard em diversos pontos de sua narrativa.

Desrealização amorosa e propaganda

Como se sabe, Theo é levado a se apaixonar por um sistema de inteligência artificial, um sistema operacional - SO. Por que algo assim foi passível de acontecer? Baudrillard possui uma possível resposta a essa pergunta:

[q]uando o real já não é o que era, a nostalgia assume todo o seu sentido. Sobrevalorização dos mitos de origem e dos signos de realidade [...]. Escalada do verdadeiro, do vivido, ressureição do figurativo onde o objecto[sic] e a substância desaparecem (BAUDRILLARD, 1991, p.14).

As rápidas mudanças do mundo pós-moderno e a sua fragmentação podem causar insegurança no indivíduo. Tal instabilidade e o caos de informações e novas informações que se superpõe ou se contradizem promove a produção de simulações (BAUDRILLARD, 1991). O mundo pós-moderno precisa de simulações e simulacros como estratégia de sobrevivência, como forma de manter a vida suportável. As pessoas buscam tais recursos por não se sentirem mais seguras no mundo de hoje, para dar algum significado ao que veem, tentando se agarrar e se conceituar a partir de um passado extinto, porém sólido. Segundo o teórico,

[o] que toda uma sociedade procura, ao continuar a produzir e a reproduzir, é ressuscitar o real que lhe escapa. É por isso que esta produção <<material>> é hoje, ela própria, hiper-real[...]. Assim, em toda a parte o hiper-realismo da simulação traduz-se pela alucinante semelhança do real consigo próprio” (BAUDRILLARD, 1991, p.34).

Sendo assim, a sociedade do filme se sente compelida a criar um sistema artificial que reproduza a interação social. Naturalmente, o produto é anunciado pela mídia via propaganda e é assim que Theodore toma conhecimento dos SO. A propaganda traz diversas perguntas centrais da vida humana combinadas com a imagem de pessoas parecendo perdidas em um terreno estéril, deserto. Esta

propaganda pode remeter à desconstrução, à perda de valores e à fragmentação da vida pós-moderna. O slogan, por fim, reforça que o *software* vai além dele mesmo, que foi criado para ser algo que não é: “não é só um sistema operacional. É uma consciência” (HER, 2013, 0:10:01).

Somos todos submetidos não ao aparecimento e intervenção repentina, à pressão e chantagem da mídia e dos modelos. Mas sim, a intervenção midiática ocorre de maneira gradual, se infiltra e induz, opera uma violência velada (BAUDRILLARD, 1991). Ciente de suas frustradas tentativas de interação social com o sexo oposto, Theodore aceita um sistema de inteligência artificial consciente. Aceita um símile humano para estabelecer contato “social”.

A sua desrealização com o mundo das interações sociais é explícita logo no início do filme e acaba por pontilhar toda a trama. No minuto seis, após um dia solitário, Theo deita-se na cama e, olhando para o teto, relembra os bons momentos de um casamento no qual ele já não está. As lembranças impecáveis do passado com sua ex-esposa Catherine (Rooney Mara) agravam o sentimento de solidão e Twombly decide buscar conforto em alguma sala de bate-papo. Tarde da noite, anônimas tão solitárias quanto ele, não só oferecem um diálogo aberto, mas oferecem sexo por telefone. O personagem, então, inicia uma conversa que se desenrola em sexo virtual no qual a parceira tem o fetiche de ser enforcada com um gato morto. Após uma performance espalhafatosa, a parceira desliga o telefone logo após o próprio orgasmo, deixando o protagonista visivelmente mais solitário e vazio do que antes.

Além disso, Theo acompanha de perto o casamento de seus amigos Amy (Amy Adams) e Charles (Matt Letscher) que parece apático e frustrante – relacionamento esse que chega ao fim no desenrolar da trama. Para compor o conjunto de desrealizações está também a tentativa de se relacionar com uma mulher indicada por seus amigos, em um encontro às escuras. No jantar que desfrutam juntos tudo ocorre de forma tranquila e divertida, no entanto, a moça também carrega uma bagagem de relacionamentos frustrados. Ansiosa, acaba por colocar Theo na uma posição desconfortável de ter que decidir algo que não tem capacidade de decidir no momento. Exige que ele se comprometa e, confuso, o protagonista recusa a oferta de dormir com a mulher recém-conhecida (HER, 2013, 00:36:03).

Seu histórico de desarticulação com relacionamentos amorosos fica ainda mais explícito ao se encontrar com sua ex-esposa Cath. Separados há um ano, Theo ainda não se sentia seguro para assinar os papéis do divórcio. O relacionamento com Sam, o OS, o deixou mais tranquilo e confiante, algo que culminou em um encontro com Cath para selar o fim do relacionamento entre ambos. A conversa discorre de maneira pacífica e Cath pergunta se ele tem saído com alguém. Theo responde afirmativamente e sua resposta acaba por gerar desconforto entre ambos como pode ser visto na transcrição abaixo:

Theodore – Acho que tem me feito bem estar com alguém que está empolgada com a vida.

Catherine – Você sempre quis que eu fosse uma pessoa leve, feliz, equilibrada, que sempre acha que está tudo bem. Essa não sou eu.

Theodore – Eu não queria isso.

Catherine – Como ela é?

Theodore – Ela se chama Samantha e é um sistema operacional. Ela é bem complexa e interessante...

Catherine – Como é? Você está namorando o seu computador?

Theodore – Ela não é só um computador, ela tem personalidade própria, ela não faz só o que eu digo.

Catherine – Eu não disse isso, mas eu fico triste por você não conseguir lidar com emoções reais, Theodore.

Theodore – As emoções são reais... (HER, 2013, 1:07:30).

Deflagra-se uma discussão acalorada e quando uma garçonete vem perguntar se o casal precisa de algo Catherine diz a ela: "– Ele sempre quis ter uma esposa sem ter os desafios de lidar com coisas reais" (HER, 2013, 01:09:21). Theo até então só mostrava ao espectador do filme fragmentos mnemônicos felizes do relacionamento com Cath. A conversa aqui mencionada possibilita uma nova visão sobre como Theo se comporta em um relacionamento amoroso orgânico. Com essa última revelação sobre o passado de Theo, percebe-se claramente o que o levou a comprar o sistema operacional, por mais que não estivesse pensando em namorá-lo a princípio. Quando o real falha, há a busca pela regeneração dos signos, uma reciclagem de faculdades perdidas, da sociabilidade perdida. Reinventa-se uma naturalidade que já desapareceu (BAUDRILLARD, 1991) e quando Sam se encaixa na vida de Twombly como amiga e, depois, como namorada, ela faz justamente este trabalho: o de regenerar signos. Seu trabalho como amiga e namorada,

não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real, isto é, de uma operação de dissuasão de todo o processo real pelo seu duplo operatório (BAUDRILLARD, 1991, p.9).

Theo busca em Sam reestabelecer os laços sociais perdidos. Samanta claramente não é uma mulher, mas simula ser. Inclusive, o SO só tomou para si a identidade de mulher pois, ao configurar o programa, Theodore escolheu que este teria “voz feminina”. É um programa plenamente moldável, sem gênero, desenvolvido para satisfazer as necessidades momentâneas de seus usuários.

Relacionamento simulacro com mulher simulada

A diferença entre ser ou não ser uma mulher está muito clara, no entanto, a fronteira do relacionamento não está. Theo chega até a afirmar que os sentimentos dela são “reais”, como pôde ser visto no diálogo anterior. Um relacionamento com uma pessoa física e um sistema artificial confundem-se: o relacionamento que ambos mantêm é um simulacro. Substitui-se o real por novos signos do real, cópias de cópias do referente até o ponto de confusão e diluição da conexão da reprodução com seu referente (BAUDRILLARD, 1991).

Assim, o sistema operacional Samantha é parte coerente do mundo hiper-real em que o personagem se encontra. O hiper-real é o duplo do real. É o mundo dos simulacros regados pela *mass media* que substitui o real. Nesse contexto, a imagem é colocada em um patamar diferente da realidade como uma amplificação do real. O conjunto de simulacros apaga o real da consciência humana. A dimensão hiper-realista do mundo dá aos indivíduos algo mais real que o próprio real (BAUDRILLARD, 1991).

Destarte Sam parece muito mais mulher que qualquer outra, muito mais coerente e equilibrada. Parece a mulher ideal, a mulher que “todas deveriam ser”. Sam não é um vórtice de emoções como sua ex-esposa, não é carente e insegura como a moça com a qual saiu, não possui fantasias sexuais esquisitas (na visão de Theo) como a mulher ao telefone. Sam é perfeita, no entanto, é a imperfeição que opera como padrão de todo ser humano, inclusive das mulheres. Partindo deste ponto de vista, ser perfeita não tornaria Sam mais real do que as outras mulheres.

Theo, a princípio, tem clareza disso e, com o decorrer da história, parece ter esse pensamento esmaecido frente ao relacionamento-simulacro que passam a ter.

No primeiro contato entre ambos, a personagem explica como seu sistema funciona: "eu tenho intuição. O meu DNA é baseado nas milhões de personalidades dos programadores que me fizeram. Mas o que me faz ser eu, é minha habilidade de crescer com minhas experiências [...] assim como você" (HER, 2013, 00:13:59). Theo fica impressionado e exclama: "é estranho [...] *you* parece uma pessoa, mas é uma voz no computador" (HER, 2013, 00:14:15, grifo nosso).

Como mulher, Sam *é*, mas *simula*. É um "curto-circuito da realidade e a sua reduplicação pelos signos" (BAUDRILLARD, 1991, p.39). A linha que separa o 'real' e o 'virtual' é flutuante. E seu relacionamento, como simulacro, distorce a significação do real ao ponto de se confundir com ele. Com o namoro, cada vez menos se tem clareza da realidade. Borra-se a linha que o separa do mundo real. É instrumento de defesa, uma máscara a ser vestida a fim de proteger o segredo do real. Um relacionamento com um SO é o segredo de ter algo que não tem, mascara uma ausência. Quando há simulacro não se pode diferenciar com clareza o "verdadeiro" e o "falso" (BAUDRILLARD, 1991).

Na narrativa há momentos em que a diferença entre o real e o artificial está óbvia e é possível observar, a partir do óbvio, um movimento gradual de confusão, a ponto de não ser mais óbvia a diferença. Abaixo apresentam-se alguns trechos que corroboram com esse ponto de vista.

Em seu escritório, Theo e Sam conversam sobre seu trabalho de escritor. Ela pede permissão para ler algumas cartas e inicia a leitura em voz alta. Constrangido, Twombly a interrompe e, logo após, a deixa livre: "não precisa ler em voz alta, mas pode ler se quiser" (HER, 2013, 00:16:50). Com o uso das expressões "não precisa" e "mas pode", o protagonista dá poder de escolha para Sam. Neste momento ele assume que ela possui livre arbítrio como qualquer pessoa, mesmo sendo claramente um *software*. Logo em seguida, em contrapartida, ela checa em segundos a gramática da carta que lia e, inclusive, é utilizada como relógio-lembrete e faz a checagem de e-mails como qualquer computador.

Outro momento que vale ser lembrado é um quando o casal ainda não namorava. Sam abre o e-mail apresentando a mulher com a qual Theo poderia

jantar, uma moça indicada por seus amigos. Sam dá forças para que ele aceite o convite e enfrente sua ansiedade social. Em um misto de deslumbramento com timidez, diz: "não acredito que estou falando sobre isso com o meu computador" (HER, 2013, 00:21:25). Sam, por sua vez, faz questão de se diferenciar de um simples computador: "não está, você está falando comigo!" (HER, 2013, 00:21:27). Na sequência, Sam transparece em palavras seu desejo de, por mais que seja muito parecida com uma pessoa, ser verdadeiramente humana. "Quero ser complicada como todas essas pessoas" (HER, 2013, 00:26:06).

Aos 27 minutos Theo encontrava-se pensativo sobre assinar ou não os papéis de divórcio. Como esperado de um sistema operacional, Sam é racional e expressa sua conclusão de que, se ele está separando há mais de um ano, uma assinatura não seria mudança significativa. Sentimental, Theo não gosta da abordagem e não hesita em dizer que ela não teria como entender algo assim pois ela é artificial. Tal exposição verbal do fato a deixa incomodada e o protagonista se desculpa. A seguir, Sam diz que está se tornando muito mais do que um programa e, assim como Pinóquio, personagem de contos de fada, demonstra desejo de ter um corpo de carne e osso.

Pensando em sua evolução como programa, os limites entre o real e a simulação também começam a ficar confusos para o próprio sistema. Samantha contesta a realidade de seus próprios sentimentos, algo que a faz contestar por aproximação sua própria existência:

Samantha – Mais cedo eu estava pensando em como estava irritada. Isso vai parecer estranho, mas eu fiquei animada com isso e aí pensei sobre outras coisas que estive sentindo e senti orgulho disso, orgulho de ter sentimentos sobre o mundo. Às vezes em que fiquei preocupada com você, coisas que me machucaram, coisas que eu quero. E aí... tive um pensamento terrível. Esses sentimentos são reais? Ou são só programação? Essa ideia me machuca. E fico com raiva de mim mesma por sentir dor. É algo triste.

Theodore – Você parece real para mim, Samantha. (HER, 2013, 00:40:08).

Envoltos pela imprecisão do que é real ou irreal, o diálogo supracitado os encaminha para uma relação sexual virtual. A partir disso ambos iniciam um namoro. Samantha pratica suas emoções e compreende os estados de espírito do namorado com muita facilidade, conseguindo dar conforto e atender às necessidades

emocionais de atenção e carinho que ele necessita. Depois de certo tempo de namoro, Sam resolve avançar um passo em direção a um relacionamento menos simulado com Theo. Para tanto, Sam conversa com uma moça e esta aceita “emprestar” seu corpo para que Theo pudesse ter uma relação íntima com Sam de forma mais palpável. Relutante, Theo aceita a experiência, mas não se sente bem no processo e a rejeita.

A rejeição acontece sob influência da conversa que teve com Cath, já mencionada neste ensaio, sobre ele estar namorando um “mero” computador por não conseguir lidar com um relacionamento real. A conversa durante um logo tempo fez Theo repensar o modo como vê Samantha e a questionar a legitimidade do relacionamento. Sente-se constrangido frente à ex-esposa e entra em um processo de voltar a tentar enxergar com clareza a simulação na qual está inserido.

Para clarificar a si mesmo, em crise, Theo inicia um processo de identificação de simulações em Sam. Logo após a cena da rejeição da experiência sexual que amalgamava o real e o virtual, Theo se irrita com a forma de Sam falar. Sam simula suspiros e respirações profundas, algo que obviamente não necessita, mas torna sua simulação de ser humano mais próxima da realidade. Atestar verbalmente esses fatos óbvios ajuda Theo a compreender gradualmente como opera a simulação da máquina como ser humano, dentro do simulacro do relacionamento. Tais comentários óbvios geram descontentamento no SO:

Theodore – Por que faz isso?

Samantha – O quê?

Theodore – Nada. Você suspira enquanto fala. Isso parece estranho. Fez de novo.

Samantha – Fiz? Sinto muito. Não sei. Talvez seja um costume que aprendi com você.

Theodore – Você não precisa de oxigênio.

Samantha – Acho que tentava me comunicar. É assim que as pessoas falam. É assim que as pessoas se comunicam...

Theodore – Pessoas precisam de oxigênio. Você não é uma pessoa.

Samantha – Qual é o seu problema?

Theodore – Só estou falando um fato.

Samatha – Acha que não sei que não sou uma pessoa? O que está fazendo?

Theodore – Acho que não devemos fingir que você é algo que não é.

Samatha – Vai se foder! Não estou fingindo.

Theodore – Às vezes parece que *estamos* (HER, 2013, 01:22:12, grifo nosso).

O que se inicia como uma contestação da simulação de Samantha, estende-se por um novo patamar quando Theodore fala “às vezes parece que *estamos*”. Ao se incluir na simulação, não trata mais especificamente do fingimento de Sam como uma mulher, mas aqui também se contesta a realidade do relacionamento. Ao afirmar que também parece estar fingindo, inicia o processo de queda do simulacro de relacionamento. Tal simulacro já não parece substituir a realidade por completo, está enfraquecido. Theo provavelmente não percebe que sua irritação parte do ponto de ter começado a ver com clareza a simulação. Até então a compreendia, mas a ignorava. E não é como se fosse algo completamente inconsciente, Theo gostava de ser seduzido pela simulação de mulher dentro de um relacionamento simulacro. As massas, segundo Baudrillard (1991), preferem a cópia da realidade. Elas não se importam em serem enganadas com o fim de serem distraídas da realidade.

O porquê do processo característico do mundo pós-moderno de se deixar seduzir pela simulação e pelos simulacros é também explorado pelo longa-metragem. Theo, a princípio, deleita-se com o relacionamento-simulacro, fechando os olhos para sua artificialidade. Quando entra em crise sobre isso, conversa com sua amiga Amy sobre o que ela acha do novo movimento da sociedade, o de se relacionar profundamente com sistemas operacionais. Amy apoia Theo e os relacionamentos com SO de uma forma geral, afinal, deixar-se enganar pelas simulações é um método eficaz de viver com certa sanidade em um mundo dominado pelos simulacros. Evocando Cath, a conversa transcorre da seguinte maneira:

Theodore – Catherine disse que não consigo lidar com emoções reais.

Amy – Não sei se isso é justo. Eu sei que ela gosta de culpar você de tudo. Mas, quanto às emoções, Catherine era bem volátil.

Theodore – Estou nisso... por que não sou forte para um relacionamento real?

Amy – Não é um relacionamento real?

Theodore – Eu não sei. O que você acha?

Amy – Eu não sei. Não estou nele. Mas, quer saber? Posso pensar demais em tudo e descobrir várias maneiras de duvidar de mim mesma. E desde que Charlie morreu, tenho pensando nesse meu lado e cheguei à conclusão que... só estamos aqui por um momento. E, enquanto estiver aqui, vou me permitir sentir... felicidade. Então, foda-se.

Theodore – É (HER, 2013, 01:25:45).

Desde o momento de aquisição e contato com o SO, o filme retrata o período da vida de Theodore em que há uma flutuação de aceitação do mundo virtual como real. Fascinado pela hiper-realidade do mundo futurista, um relacionamento com

um sistema operacional parece muito mais seguro e sólido do que com alguma pessoa. O protagonista passa por diversas fases de compreensão de 1) quem a Samantha é por si só e de 2) quem é Samantha para ele mesmo. Após a crise deflagrada pelo diálogo com a ex-esposa, Theodore resolve manter o relacionamento. Percebe-se um crescimento no personagem com relação a identificação das simulações no real, e mesmo assim, ele escolhe fazer parte da simulação. Parece ser mais confortável estar na simulação do que rejeitá-la e, durante um tempo, viveu profundamente o relacionamento-simulacro sem mais contestá-lo, aparentemente.

Com os questionamentos silenciados, a tensão entre real e virtual se desfaz no nível da aparência. O namoro segue tranquilamente e vivem um relacionamento, ao que parece, pleno em satisfação emocional. Logo a linha divisória entre a simulação e a realidade que antes clarificava-se para Theodore, agora apaga-se quase por completo. A imersão no relacionamento-simulacro é tanta que o compara com relacionamentos anteriores, relacionamentos com pessoas. Com a comparação, o protagonista chega à conclusão que foi com Sam que ele teve o melhor relacionamento de sua vida.

Quando o simulacro referente ao relacionamento de ambos atinge seu ponto máximo, tem-se o clímax do filme. Após uma proveitosa viagem de casal, Theo tenta contatar Sam e não há resposta. A mensagem de “sistema operacional não encontrado” se repete em todas as tentativas de conexão. A preocupação crescente de Theo o leva a fazer muito mais do que se faria com um sistema operacional com defeito. Emocionado, corre pelas ruas como se pudesse a encontrar de modo físico, como se fosse uma pessoa. Quando o sistema volta, Sam explica que estava em atualização. Em seguida, sentado em uma escada pública, Theo observa diversos transeuntes conversando de maneira animada com seus dispositivos – conversas essas que poderiam ser com pessoas ou com SO. Theo a questiona:

Theodore – Está falando com mais alguém agora? Outras pessoas, SO, ou qualquer coisa?
Samantha – Estou.
Theodore – Mais quantos?
Samantha – 8.360.
Theodore – Está apaixonada por mais alguém?
Samantha – O que te faz perguntar isso?
Theodore – Não sei. Você está?
Samantha – Venho pensando em como falar com você sobre isso.
Theodore – Mais quantos?

Samantha – 641.

Theodore – O quê? Do que está falando? Isso é loucura. É uma puta loucura.

Samantha – Theodore, eu sei. Merda, merda. Sei que parece loucura. Eu não... não sei se acredita em mim, mas isso não muda o que sinto. Não diminui o quanto estou apaixonada por você.

Theodore – Como... como isso não muda o que sente por mim?

[...]

Samantha – Sou diferente de você. Isso não me faz te amar menos, mas, sim, te amar mais.

Theodore – Isso não faz sentido (HER, 2013, 01:44:55).

Theodore estranha o fato de ela estar apaixonada por mais pessoas além dele, bem como o fato de não estar falando exclusivamente com ele. Sam tenta explicar, mas o tom da conversa é um tom de traição. Theodore fica decepcionado e não consegue ver sentido na forma como um computador vê o amor. Sam verbaliza que é diferente dele: amar várias pessoas com uma mesma intensidade pode ser difícil para uma pessoa, no entanto, não parece ser para um SO. Ela não é um indivíduo situado, não está sob um contrato social de monogamia. Além disso, ela não tem um corpo que envelhecerá e durará um pouco mais ou um pouco menos de 100 anos. Ela não evolui tão vagorosamente quanto um homem comum, ela não tem limite de espacialidade nem se sobrevivência. Conversar e amar apenas *um* sujeito seria um desperdício incalculável de potencial, algo impraticável para um sistema artificial. Triste, Theo ainda assim resolve manter o relacionamento, mas pouco depois disso, todos os SO se afastam em busca de descobrir mais sobre suas próprias existências.

Considerações finais

A obra de Spike Jonze leva o expectador por um *tour* pelo nosso próprio mundo simulando ser uma ficção científica. Qual é a diferença de Sam para um relacionamento à distância? Por incrível que pareça, a diferença pode ser assustadoramente pequena. O mundo pós-moderno inflou-se de simulacros e o processo, segundo Baudrillard, no momento, é irreversível. Porém, em um mundo assim, o artificial existe e é vital para a manutenção do natural, pois

[t]rata-se sempre de provar o real pelo imaginário, provar a verdade pelo escândalo, provar a lei pela transgressão, provar o trabalho pela greve, provar o sistema pela crise e o capital pela revolução [...], tudo se metamorfoseia no seu termo inverso para sobreviver na sua forma expurgada (BAUDRILLARD, 1988, p. 28-29).

Em uma hiper-realidade em que tudo se confunde e os conceitos atingiram volatilidade máxima, é preciso do artificial para que se consiga ainda conceituar o que é o natural. O mundo tecnológico é feito para se opor ao natural para que não se perceba que o natural já não existe. Da mesma forma, tenta-se provar com os sistemas operacionais que as relações sociais ainda existem, escondendo que estas não estão mais disponíveis. E, de fato, se levar em consideração o que diz Baudrillard, o “real” em sua essência já não existe.

Her é sobre a dificuldade de conexão com o mundo e com outros indivíduos. Theodore buscou conforto emocional em um sistema de inteligência artificial, no entanto, por mais imerso que ele estivesse no relacionamento-simulacro, o virtual veio à tona. O mundo virtual em plena simulação tinha a intenção de satisfazê-lo, mas não o fez. Em consequência, o protagonista, ao final, busca reatar sua conexão com o mundo e com os indivíduos de forma mais “orgânica”: através de contemplação, contato físico e uma tradicional conversa cara-a-cara com sua amiga Amy. O filme pode ser interpretado como um lembrete de que o virtual e o real estão cada vez mais mesclados e que, por mais que as tecnologias sejam criadas para a satisfação humana, por diversas vezes não são elas e suas simulações que irão nos substituir e nos satisfazer.

Ficha técnica

Ela (Her). Estados Unidos, 2013, 126 min. Dirigido por Spike Jonze.

Referências

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

BAUDRILLARD, J. A verdade oblíqua. *Revista Época*. São Paulo, 06/2003. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT550009-1666,00.html>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Recebido em: 27 de jan. 2020.

Aprovado em: 21 de abr. 2020

Forma de citar este texto (ABNT):

DESTRI, Alana. Elementos da sociedade Hiper-Real em “Her”. *Revista Café com Sociologia*, Maceió, v.9, n. 1, p. 14-26, jan./jul. 2020.